

Plano exige compromisso

Estado: Qual seria o decálogo dos empresários hoje?

Cunha: Para se produzir mais, de imediato, é preciso que haja claramente uma visão por parte do governo e da classe política que o sustenta. Sinto que há necessidade de uma ordenação, de uma aglutinação maior da elite, principalmente da elite empresarial para construir um projeto, torná-lo nítido e vendê-lo para todo o Brasil. Os problemas que temos podem começar a ser resolvidos, se assumirmos que o importante é produzir mais barato, das condições para que os recursos sejam destinados aos investimentos e não apenas ao consumo e ao desperdício. É necessário abrir mais o País, inseri-lo no mercado internacional, aí o problema dos investimentos na indústria, na agricultura, na exportação e na importação começaria a ser resolvidos.

Bardella: Acho que o grande anseio do País é por esse projeto de longo prazo, porque a perspectiva do futuro foi perdida. O Brasil está carecendo de seriedade, e enquanto isso não for retomado você pode apresentar o melhor plano estratégico para chegarmos ao ano 2000 que ele não dura um mês. Vários planos foram apresentados e duraram muito pouco.

Cunha: Estou propondo mais do que isso, que esse plano seja desenhado e que haja um engajamento político concentrado por parte dos empresários, e não fragmentado como temos assistido ultimamente.

Olacyr: É evidente que o longo prazo é fundamental para o País, porque ele é como uma empresa: você não pode pensar à frente se está quebrado hoje, pagando em cartório. E nós só poderemos pensar em longo prazo quando o governo tiver credibilidade. E para adquirir credibilidade precisamos de medidas fortes, radicais no plano econô-

mico. Todo indivíduo que ganha um salário e não trabalha é o pior fator inflacionário que possa existir. Estou lançando um desafio: quero ver o setor político tomar essas medidas, em vez de ficar contratando mais funcionários, senão teremos um retrocesso democrático no País. Se não o fizerem, que não venham se queixar depois.



Arnaldo Friaschi

“É preciso construir um projeto, torná-lo nítido e vendê-lo para todo o Brasil.”

Paulo Cunha

Gerdau: Para produzirmos mais, precisamos definir nossas idéias sobre déficit, exportação, poupança, investimentos, política tributária etc. Temos que fugir de uma decisão numérica perfeita e partirmos para um planejamento qualitativo. Aí, cada um barganha

em função do mercado. Soluções econômicas e sociais existem, desde que a decisão política seja tomada. Não temos soluções para 30 dias, mas se as definições surgirem a resposta do empresariado e do operariado vem no dia seguinte.

Mindlin: Acho que deveríamos pregar junto aos políticos a idéia de que a busca da popularidade não é incompatível com a eficiência, porque a adoção de medidas impopulares, que podem trazer resultados a prazo relativamente curto também podem se reverter em benefício eleitoral. A preocupação em ajudar a reconstruir o País resultar vai em popularidade. Nos projetos de menor porte, acredito que devemos fazer um esforço de aumentar as exportações, buscando as áreas em que a situação cambial nos favorece e não termos medo de abrir nosso mercado ao Exterior. É imperativo que nossa inserção no contexto internacional seja um caminho de duas mãos.

Olacyr: Hoje temos um tumor, é preciso sangrá-lo, não adianta ficar passando água em cima. O problema do País é muito sério, gasta muito mais do que pode, é um festival. Ao invés de nos compenetrarmos de seriedade, estamos diminuindo horas de trabalho, aumentando férias, quando o principal é aumentar salários e não a ociosidade das pessoas.

Gerdau: Me agrada muito esse slogan “produzir mais”.

Bardella: A idéia é correta. Ninguém precisa ser gênio para perceber que está difícil morar no Brasil, angustiante.

Cunha: O Brasil ficou 20 anos sob comando de uma pequena elite, e quando veio a abertura descobrimos 130 milhões que não sabiam o que estava ocorrendo. É hora de sair do debate sobre o passado para o futuro.